

ARQUITETURA RURAL: POTENCIAL TURÍSTICO DAS FAZENDAS DE CAFÉ DE PORTO FERREIRA (SP)

Andrea Ferraz Young (1); André Munhoz de Argollo Ferrão (2)

(1) Arquiteta, Doutoranda em Engenharia Agrícola. Faculdade de Engenharia Agrícola da Unicamp,
ayoung@agr.unicamp.br

(2) Engenheiro Civil, Doutor em Arquitetura. Professor do Departamento de Arquitetura e Construção da Faculdade de Engenharia Civil da Unicamp, argollo@fec.unicamp.br

RESUMO

O presente trabalho refere-se a descrição da estrutura espacial de fazendas de café do século XIX, situadas na região de Porto Ferreira, com o objetivo de realizar o reconhecimento da qualidade visual da paisagem e identificação de seu potencial turístico.

Através de critérios e métodos específicos de visualização das relações existentes entre as diferentes construções e formas de apropriação do espaço (complexo produtivo dessas fazendas), buscou-se demonstrar, o que pode significar a “arquitetura rural”, enquanto sistema de paisagem, constituída de linguagem própria, com elementos e atributos distintos que se inter-relacionam. Assim sendo, foram realizados levantamentos sobre a distribuição espacial das diferentes construções existentes, que posteriormente foram analisadas em conjunto com os atributos naturais da paisagem, a partir da definição de critérios de análise espacial referentes a aspectos de qualidade estética e ambiental.

Para o conjunto de dados obtidos foram atribuídos pesos que orientaram a identificação de pontos positivos e negativos da paisagem e permitiram o reconhecimento de locais com maior valor potencial turístico, auxiliando a delimitação do ordenamento espacial adequado ao turismo.

Palavras-chave: arquitetura rural, potencial turístico, unidades de paisagem, bacias visuais.

1. INTRODUÇÃO

A maneira de olhar para a paisagem rural merece nossa melhor atenção enquanto engenheiros, arquitetos e planejadores, captando e revelando um mundo em que as relações do homem com a natureza que o circunda se manifestam através de interações, construído sobre as necessidades essenciais do dia-a-dia; onde cada pequena construção espelha através dos materiais, das cores, das atividades produtivas e relações com o entorno, um rico universo de detalhes e soluções que revelam a presença constante da natureza e dos aspectos históricos e culturais relacionados.

Assim sendo, foi desenvolvido o presente estudo referente a análise da estrutura espacial de algumas fazendas de café da região de Porto Ferreira (SP), fundadas, na sua maioria, entre 1860 e 1870. O objetivo principal foi o identificar o potencial turístico da região através do reconhecimento da qualidade ambiental e visual da paisagem. Através de critérios e métodos específicos de visualização das relações existentes entre as diferentes construções e formas de apropriação do espaço que compõem o complexo produtivo dessas fazendas, buscou-se demonstrar, o que pode significar a “arquitetura rural”, enquanto sistema de paisagem, constituída de linguagem própria, com elementos e atributos distintos que se inter-relacionam, de forma a englobar a maior soma de dados possíveis e discuti-los amplamente para compreender melhor como se constituem as unidades de paisagem que delimitam esse sistema, a composição cênica entre a casa grande da fazenda, o antigo engenho, as serras em quedas acentuadas e bruscas ou as planícies vastas e plácidas, longa seqüência de grotas e pequenas várzeas, águas cristalinas ou até mesmos turvas, vegetação composta de pequenas ou extensas matas, pastagens ou áreas de cultura.

Primeiramente, foram realizados levantamentos sobre a distribuição espacial das diferentes construções existentes, tais como, sedes das fazendas, senzalas, colônias, núcleo de produção (casa de máquinas, tulha,

terreiros, secadores, moinhos, entre outros), construções complementares e suplementares (aqueles pertencentes à cadeia produtiva principal), arquitetura da lavoura (formas de distribuição espacial da cultura agrícola) e elementos naturais que compõem a paisagem (presença de matas, rios e corredeiras, planícies, colinas, morros, etc.). Posteriormente esses elementos foram analisados em conjunto, a partir da definição de critérios de análise espacial determinados pela composição dos elementos na paisagem, definidos pelos próprios meios de produção da época e pelas transformações ocorridas durante os anos subsequentes.

Para o conjunto de resultados obtidos foram atribuídos pesos que orientaram a identificação de pontos positivos e negativos da paisagem e permitiram o reconhecimento de locais com maior valor potencial e auxiliaram a delimitação do ordenamento espacial adequado ao turismo.

2. CARACTERÍSTICAS DA ÁREA DE ESTUDO

2.1. Aspectos do meio-físico

O município de Porto Ferreira, situado no Estado de São Paulo/Brasil, possui área de 240 Km², e está situado em posição nordeste em relação a capital do Estado, na zona fisiográfica de Piracicaba, a uma latitude de 21°.51'.00"S, longitude de 47°.28'.00"W de Greenwich e altitude de 549 metros (PMSP, 2000).

O relevo, em geral, é plano, com pequenas ondulações, ligeiramente inclinado para a Bacia do Rio Mogi Guaçu e seus afluentes (PMSP, 2000).

São encontrados quatro tipos de solo, assim distribuídos pela área do município: Latossol Vermelho Amarelo (62 Km²), Latossol Roxo (74 Km²), Hidromórfico (27 Km²) e Latossol Vermelho Escuro (77 Km²).

O clima do município é quente, sujeito a variações moderadas, apresentando temperatura média anual de 21° e precipitação total anual entre 1300 e 1500 milímetros. Quanto a hidrografia, o município é banhado pela Bacia do Rio Mogi Guaçu, sendo este o principal rio, e apresenta como seus principais afluentes, os Rios Bonito e Santa Rosa (IEA, 2000).

Porto Ferreira tem como limites territoriais:

- ao Norte, o município de Santa Rita do Passa Quatro
- ao Sul, o município de Pirassununga
- a Leste, o município de Santa Cruz das Palmeiras
- a Oeste, o município de Descalvado.

2.2. Aspectos Históricos

A origem de Porto Ferreira aponta para o idos anos de 1860. Nas margens do rio Mogi Guaçú, inicialmente pelas proximidades do Ribeirão dos Patos e, em seguida, transferida para próximo da foz do Rio Corrente, onde ocorria a atividade de uma Balsa que efetuava a travessia de passageiros e mercadorias. O responsável por este porto fluvial, foi o Balseiro João Inácio Ferreira, o qual, emprestou seu nome à cidade que futuramente se tornou: Porto Ferreira.

É certo que a Balsa foi a semente de Porto Ferreira, entretanto, a cidade germinou com a chegada da estrada de ferro, oficialmente inaugurada em 15 de Janeiro de 1880, pela Companhia Paulista de Vias Férreas e Fluviais, com o firme propósito de atravessar o Mogi Guaçu e atingir a rica e florescente região de Ribeirão Preto, onde abocanharia rendoso frete pelo transporte de sua produção cafeeira. Este propósito, no entanto, por força de circunstâncias da época, fez com que a Companhia Paulista resolvesse atingir através da atividade da navegação fluvial no Mogi Guaçu, até sua confluência com o Rio Pardo, todo o mercado de frete na região, o que fez de Porto Ferreira, um importante entreposto hidro-ferroviário, grande responsável pelo povoamento e consequente florescimento da cidade.

A estrada de ferro, a fertilidade do solo, o clima ameno, a exuberância das matas virgens, batizadas por altaneiros, robustos e frondosos jequitibás, e a elevação de seus terrenos concorreriam para a atração dos cafeicultores que, sacrificados e ainda alarmados com os efeitos de grandes geadas por volta de 1870 procuravam terrenos para a cultura, mas de altitude elevada livres de geada.

As fazendas de café de Porto Ferreira foram em sua maioria fundadas entre 1860 e 1870, existindo antes mesmo da fundação da cidade em 1896.

O município conheceu inicialmente uma fase escravocrata, porém não muito intensa, pois logo a região se defrontou com a fase de transição do trabalho escravo para o assalariado. Pode-se observar este fato nas senzalas existentes nas fazendas, estas eram pequenas, para poucos escravos.

2.3. Fazendas de Café de Porto Ferreira

Analisando a estrutura espacial das fazendas de Porto Ferreira observa-se que, em comum com a maioria das fazendas da região Mogiana, possuíam uma disposição semelhante. O terreiro ao centro, formando um quadrado com as demais construções em volta, como a sede, a tulha, a casa de máquinas, as casas dos colonos, o curral. Algumas colônias se encontravam mais afastadas, geralmente na entrada das fazendas. As senzalas encontravam-se em lugares distintos em cada fazenda como o porão da sede, no caso da Fazenda Campineira, ou no piso inferior da casa de máquinas, como no caso da Fazenda Capão Bonito. Há uma fazenda em particular, a Fazenda Santa Elisa, em que os escravos ficavam em uma caverna, a Caverna do Bugre, hoje com difícil acesso devido ao mato que tomou as redondezas da sede da fazenda.

Na região do Rio Mogi Guaçu em Porto Ferreira destaca-se, em geral, a presença de mineiros instalados antes da época do café, introduzindo uma arquitetura de pau-a-pique sempre apoiada em embasamentos de pedra, casas de meia-encosta, térreas nos fundos e assobradadas na frente, com altas varandas acessíveis por escadas. Há também embasamentos de pedra beirando terreiros, como é o caso da Fazenda Campineira, além da presença desta como apoio nas casas de máquinas, as quais possuíam uma parte inferior onde localizavam-se as roldanas que permitiam o funcionamento das máquinas.

Foi também o café que polarizou as olarias para o fabrico de tijolos e telhas do tipo capa e canal. Só o tijolo permitiria a construção fácil de canais de água para o escoamento do café, do calçamento dos terreiros para a secagem, das tulhas para armazenamento, sempre muito altas.

Quanto ao estilo predominante, nota-se a presença do estilo neoclássico, interpretado livremente pelos proprietários das fazendas ou pelos construtores. Assim os entablamentos, as molduras das janelas e portas, os capitéis sugeridos sobre as pilastras dos cunhais.

As sedes das fazendas em Porto Ferreira não são grandiosas e luxuosas, como as que encontramos na região de Campinas. Isso se deve ao fato de que, os fazendeiros não moravam em suas fazendas. Estes geralmente moravam em São Paulo e vinham à fazenda na época da colheita. A casa do fazendeiro é de alvenaria (tijolos e telhas), contudo, pode-se notar o largo emprego de madeiras no vigamento dos telhados, pilares, assoalhos, gradis, venezianas, esquadrias, caixilhos, entre outros. Esse fato pode ser constatado na sede da Fazenda Campineira.

Muitas sedes são térreas e possuem porão e depósitos. Possuem, em geral, três ou quatro dormitórios, ampla sala de jantar, cozinha situada nos fundos, dispensa, banheiros e terraços construídos em madeira completando as dependências da sede.

As casas são confortáveis, assoalhadas, forradas e possuem instalações hidráulicas e elétricas (água encanada, luz elétrica, etc.).

As casas dos colonos se localizam próximas das sedes das fazendas, porém, em grande parte das fazendas existem casas de colonos mais afastadas, próximas à entrada da propriedade. A colônia, geralmente, se dispõem na forma de agrupamentos alinhados, em blocos de duas ou três casas geminadas, tendo a frente um vasto terreno de chão batido e nos fundos, quintais individuais com cercas de taquara, ou outras vezes, quintais coletivos sem qualquer separação. Cada residência possui de dois a três cômodos. Não possuem forro e o chão é atijolado ou de terra batida. São rebocadas por dentro e por fora e geralmente são caiadas. O aspecto exterior, mais ou menos, segue um padrão definido pela disposição de uma porta e uma janela na fachada frontal, com um telhado duas águas e beiral.

As senzalas são construções que antecedem as casas dos colonos, variam muito quanto a localização, de fazenda para fazenda. Existem desde a fundação das fazendas, embora não fossem áreas muito grandes, uma vez que, a região enfrentou o processo de transição da mão-de-obra escrava para a assalariada.

Existiam fazendas na região que possuíam a figura do administrador. As casas dos administradores eram maiores que as casas dos colonos.

O terreiro é a construção mais típica da fazenda de café. É pavimentada de tijolos bem assentadas e suas juntas assentadas com cimento, pois não podiam haver frestas por onde passasse a umidade. A superfície do piso era lisa e ligeiramente inclinada, de forma a permitir o escoamento natural das chuvas. O terreiro é, em geral, cercado por gradis de madeira que sustentam pilares de alvenaria. Num dos cantos mais altos do terreiro, em sua parte mais elevada há o lavador de café. Na região existem terreiros de vários tamanhos, pois são construídos tendo em conta a quantidade de café produzida na fazenda. Em geral, sua área varia de 4.000 a 5.000 metros quadrados.

A tulha se caracteriza como um compartimento reservado, especialmente destinado à guarda e armazenamento do café. As tulhas possuem pé direito elevado, tornando o ambiente mais arejado.

As casas de máquinas são feitas de alvenaria sustentadas por pilares de madeira com fundações comumente de pedra. Do terreiro partiam-se trilhos que levavam o café, através de carrinhos, à casa de máquinas, na maioria das fazendas.

As fazendas dessa região também possuíam armazéns de madeira, onde, os carrinhos despejam o café. Destes armazéns, os grão seguia para as casas de máquinas. Primeiramente seguia para os despolpadores e enfim para as máquinas de descarga contínua; descascadores, peneiras de cobre, correias e caçambas para o transporte entre diversas operações, ensacador, balança, para completar a linha de produção. Para abrigar todas essas atividades a casa de máquinas era grande.

3. METODOLOGIA

O método utilizado para avaliação dos atributos visuais da paisagem foi o de bacias visuais, identificando áreas que podem ser vistas a partir de um determinado ponto onde se encontra o observador, neste caso situado à montante na região de Porto Ferreira (onde se encontram as principais fazendas de café, como por exemplo, a Fazenda Campineira, Capão Bonito e Santa Elisa). Este ponto a montante funcionou como um mirante, a partir do qual foram demarcados quadrantes, seguindo a orientação norte/sul e leste/oeste (Figura 1). Com base nesses quadrantes foram realizados mapeamentos dos elementos que compunham a paisagem com uso de mapas (1:50.000) e fotogrametria terrestre (fotografias com eixo ótico da câmera na posição horizontal) e em seguida, identificados os atributos da paisagem considerados como indicadores da qualidade visual (Tabela 1).

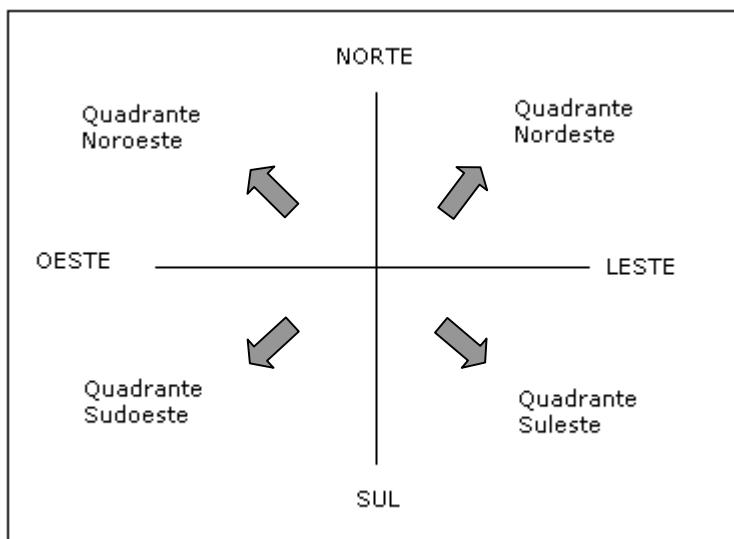


Figura 1: Esquema de mapeamento através de quadrantes

Tabela 1:atributos da paisagem considerados como indicadores da qualidade visual

Atributos	Descrição
Heterogeneidade	Refere-se a diversidade de componentes de diferentes naturezas, presentes na paisagem. Está mais associado à complexidade da paisagem, a quantidade de informação visual que o espectador tem que ordenar e avaliar.
Diversidade de cor	Refere-se a diversidade de cores. Paisagens mais, ou menos coloridas, em função da diversidade de elementos presentes na paisagem, luminosidade, etc.
Presença de matas	Tipos de matas (eucalipto, mata secundária, mata ciliar)
Presença de água	Reservatórios, lagos,etc.
Uso do solo	Presença de culturas, pastagens, áreas urbanas, solo exposto, desmatamentos,etc.
Vocações paisagísticas	Estrutura vegetal, forma, disposição, variedade de espécies, etc.

Todo o trabalho incluiu a leitura perceptiva da paisagem. Esta foi considerada indicadora não só dos pontos de maior significado visual (relacionadas ao aspecto visual e estético), como também dos aspectos críticos de transformação do relevo, das condições de degradação (dos solos, matas, recursos hídricos), aspectos históricos (preservação do patrimônio histórico, manutenção do conjunto arquitetônico original) e finalmente, da detecção de vocações paisagísticas.

Essas informações foram organizadas e integradas atribuindo-se pesos que orientaram a identificação de pontos positivos e negativos da paisagem e permitiram o reconhecimento de locais com maior valor potencial para a delimitação do ordenamento espacial adequado ao turismo.

Tabela 2: Escala de pesos para atribuição do valor potencial dos atributos da Paisagem

Pesos	Justificativa
-3	Peso atribuído p/ fator fortemente negativo p/ qualidade ambiental e visual da paisagem
-2	Peso atribuído p/ fator moderadamente negativo p/ qualidade ambiental e visual da paisagem
-1	Peso atribuído p/ fator inadequado/inapropriado para qualidade ambiental e visual da paisagem
1	Peso atribuído p/ fator proporciona média qualidade ambiental e visual da paisagem
2	Peso atribuído p/ fator proporciona boa qualidade ambiental e visual da paisagem
3	Peso atribuído p/ fator proporciona ótima qualidade ambiental e visual da paisagem

Tabela 3: Critérios para atribuição do valor potencial dos atributos da Paisagem

Atributos	Peso	Justificativa
Heterogeneidade	1	Quando a percepção do espaço pode ficar confusa com a presença de grande quantidade de informação.
	2	Quando a percepção do espaço não é clara e agradável apesar da presença de grande quantidade de informação.
Cor	1	Pode ser agradável distinguir contrastes entre áreas de plantações distintas, diferentes estágios de plantações, ou diferentes tonalidades de um conjunto de árvores distintas, entretanto longas distâncias podem amenizar a intensidade das cores.
	3	Quando há intensidade e nitidez das cores.
Vegetação	3	Considerado um atributo muito importante para a qualidade visual da paisagem (presença de matas, conjunto de árvores, reflorestamento).

Água	3	Considerado um atributo muito importante para a qualidade visual da paisagem quando a água reflete boas condições, com adequados níveis de visibilidade e transparência - sem poluição.				
	-1	Considerado um atributo negativo quando a água reflete péssimas condições de qualidade, sem transparência (ex: um rio poluído).				
Vocações paisagísticas	-1	Arranjo espacial em desequilíbrio (disposição inadequada das espécies e diversidade reduzida das espécies)				
	3	Arranjo espacial equilibrado (disposição adequada das espécies e grande diversidade de espécies)				
Uso da terra	Cultura anual e perene	<table border="1"> <tr> <td>1</td> <td>Para longas distâncias a visualização de formas, cores e disposição dos elementos pode ser mais difícil do que curtas distâncias.</td> </tr> <tr> <td>2</td> <td>A diversidade de cores, formas e disposição dos elementos pode ser mais nítida e visível.</td> </tr> </table>	1	Para longas distâncias a visualização de formas, cores e disposição dos elementos pode ser mais difícil do que curtas distâncias.	2	A diversidade de cores, formas e disposição dos elementos pode ser mais nítida e visível.
1	Para longas distâncias a visualização de formas, cores e disposição dos elementos pode ser mais difícil do que curtas distâncias.					
2	A diversidade de cores, formas e disposição dos elementos pode ser mais nítida e visível.					
Café	1 Presença de plantações de café associadas ao conjunto arquitetônico					
Pasto	1 Pastos podem ser mais interessantes quando analisados a longas distâncias, porque podem se associados a árvores, matas, construções de antigas fazendas.					
	-1 Não é considerado um atributo de valor estético positivo quando está próximo do observador.					
Fazenda	1 Na presença de construções históricas, mas sem a devida preservação de áreas do patrimônio histórico (conjunto arquitetônico).					
	3 Na presença de construções históricas e preservação de áreas do patrimônio histórico (conjunto arquitetônico).					
	-2 Na ausência de sedes de fazendas ou deterioração do patrimônio histórico e arquitetônico.					
Desmatamento	-3 Estes atributos não constituem valores positivos para qualidade visual de ambas as microbacias.					
Solo Exposto	-3					

4. RESULTADOS

Com base nos critérios estabelecidos foram atribuídos os pesos para cada atributo da paisagem, conforme as características identificadas em cada quadrante, caracterizados como unidades de paisagem.

Tabela 4: Pesos atribuídos em função dos atributos da paisagem e dos aspectos históricos mantidos

Parâmetros			
Unidade de Paisagem	Atributos da Paisagem	Pesos	
Quadrante Nordeste	Heterogeneidade	1	
	Diversidade de cor	3	
	Presença de matas	3	
	Presença de água	3	
	Vocação paisagística	3	
	Fazendas	Presença de culturas (anuais e perenes)	2
		Presença de pastagens	1
		Presença de café	1
		Presença de desmatamentos	-
		Presença de solo exposto	-
		Presença da sede da fazenda	3
		Presença setor produção (terreiro, tulha, casa máquinas, etc.)	3
		Presença da senzala	3
		Presença da colônia	3

Tabela 5: Pesos atribuídos em função dos atributos da paisagem e dos aspectos históricos mantidos

Parâmetros			
Unidade de Paisagem	Atributos da Paisagem	Pesos	
Quadrante Noroeste	Heterogeneidade	1	
	Diversidade de cor	1	
	Presença de matas	3	
	Presença de água	-1	
	Vocação Paisagística	-1	
	Fazendas	Presença de culturas (anuais e perenes)	1
		Presença de pastagens	1
		Presença de café	-
		Presença de desmatamentos	-3
		Presença de solo exposto	-3
		Presença da sede da fazenda	-2
		Presença setor produção (terreiro, tulha, casa máquinas, etc.)	-2
		Presença da senzala	-2
		Presença da colônia	-2

Tabela 6: Pesos atribuídos em função dos atributos da paisagem e dos aspectos históricos mantidos

Parâmetros			
Unidade de Paisagem	Atributos da Paisagem	Pesos	
Quadrante Sudoeste	Heterogeneidade	2	
	Diversidade de cor	1	
	Presença de matas	3	
	Presença de água	-	
	Vocação Paisagística	3	
	Fazendas	Presença de culturas (anuais e perenes)	1
		Presença de pastagens	1
		Presença de café	1
		Presença de desmatamentos	-3
		Presença de solo exposto	-3
		Presença da sede da fazenda	3
		Presença setor produção (terreiro, tulha, casa máquinas, etc.)	1
		Presença da senzala	1
		Presença da colônia	3

Tabela 7: Pesos atribuídos em função dos atributos da paisagem e dos aspectos históricos mantidos

Parâmetros			
Unidade de paisagem	Atributos da Paisagem	Pesos	
Quadrante Sudeste	Heterogeneidade	2	
	Diversidade de cor	3	
	Presença de matas	3	
	Presença de água	3	
	Vocação paisagística	3	
	Fazendas	Presença de culturas (anuais e perenes)	2
		Presença de pastagens	1
		Presença de café	1
		Presença de desmatamentos	-
		Presença de solo exposto	-
		Presença da sede da fazenda	3
		Presença setor produção (terreiro, tulha, casa máquinas, etc.)	3
		Presença da senzala	3
		Presença da colônia	3

Os resultados das análises dos atributos da paisagem de cada quadrante (unidade de paisagem) revelaram suas características peculiares em termos de beleza cênica local e seu potencial paisagístico, em função da presença de matas, conjunto de árvores, disposição das culturas agrícolas e áreas de pastagem no campo, bem como, do patrimônio cultural associado às sedes de antigas fazendas com suas unidades produtivas e colônias. Em quase toda a extensão da área analisada, usos dispostos ao redor das áreas de pastagem e das plantações remanescentes de café, enriquecem a paisagem e contribuem para seu dinamismo. Nos quadrantes Nordeste e Sudeste o contraste de cores provocado pela presença das fazendas (Campineira e Santa Elisa) e de diferentes culturas, a presença de água (riachos, ribeirões), atribuíram a estas unidades qualidade cênica considerável sendo, portanto, áreas qualificadas à visitação e potencialmente indicadas ao turismo, ou seja, onde a implantação de projetos dessa natureza demandarão menos investimentos em termos de reconstituição da qualidade visual da paisagem, uma vez que, possuem atributos que as qualificam naturalmente.

Já os quadrantes Noroeste e Sudoeste apresentam alguns pontos negativos que os distinguem dos quadrantes Nordeste e Sudeste, pois não há um conjunto de elementos arquitetônicos e paisagísticos significativos que possam ser associados favorecendo a composição estética dessas unidades de paisagem. Embora existam contraste de cores entre alguns elementos, como por exemplo a sede da Fazenda Capão Bonito, a casa de máquinas e as plantações de café, estas não constituem características significativas que justifiquem sua contemplação e valorização. Além disso, todo o conjunto do setor produtivo da fazenda Capão Bonito (casa de máquinas, secador de café, moinho) está em ruínas, constituindo fator que não agregou pontuação elevada. Aliado a este fato, existe outro agravante, a presença de áreas de desmatamento e solo exposto. Assim sendo, este cenário indica que estes quadrantes não têm o mesmo potencial turístico que os quadrantes Nordeste e Sudeste, exigindo portanto a avaliação de alternativas de uso e ocupação distintas, com a proposta de medidas reparadoras ou a destinação desta área para outros usos que não prejudiquem ainda mais a paisagem.

5. CONCLUSÃO

A compreensão dos processos ambientais e estéticos foi possível através da análise espacial das informações inventariadas, constituídas pelas características naturais, processos culturais e econômicos que levaram a determinado tipo de uso e ocupação do solo. O método para a análise da qualidade ambiental e visual da paisagem permitiu valorar a suscetibilidade, fragilidade e potencialidade do meio em relação aos impactos visuais. Isso demonstrou a importância de se introduzir critérios estéticos ao processo de identificação e seleção de áreas com determinado potencial, auxiliando o processo de planificação, uma vez que, a valorização ou não de determinado atributo, pode provocar uma resposta estética positiva, dependendo do nível de ajuste deste atributo com seu entorno, e consequentemente valorizar ainda mais a região, justificando os investimentos futuros na área.

A atribuição de valores potenciais aos atributos permitiu a percepção da importância da relação entre os dados, facilitando a integração entre eles. Os critérios adotados para a atribuição de pesos facilitaram o entendimento dos objetivos inicialmente propostos, propiciando o alcance dos objetivos desejados, através da identificação das unidades de paisagem e consequentemente de suas potencialidades e fragilidades no que se refere a proposta de desenvolvimento turístico da região, o que auxiliará, sem dúvida nenhuma, a elaboração de propostas mais condizentes com a realidade local.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAPTISTA FILHO, O. **A fazenda de café em São Paulo**. Rio de Janeiro: Serviço de Informação Agrícola, 1952. 32p.
- DEPARTAMENTO DE CULTURA E LAZER DE PORTO FERREIRA: **Revista do Centenário de Porto Ferreira**. Porto Ferreira, SP. 176p. 1996.
- INSTITUTO DE ECONOMIA AGRÍCOLA. **Série de Informações estatísticas e climáticas sobre agricultura do Estado de São Paulo**. 2000.
- MATOS, O. N. de.; **Café e Ferrovias: a evolução ferroviária de São Paulo e o desenvolvimento da cultura cafeeira**. 4^aed., Campinas: Pontes, 1990.
- MOTTA JUNIOR, J. P. **Almanaque Literário de São Paulo**. 1984.
- PMPF - Prefeitura Municipal de Porto Ferreira. **Dados sobre aspectos físicos e geográficos do município**. <http://www.portoferreira.com.br>. 2000.

